

A QUALIDADE DA VIDA NAS NOVAS SOCIEDADES É O MAIOR PROBLEMA QUE OS GOVERNOS ENFRENTAM



—concluíram em Bruxelas os ministros de nove países europeus

O ambiente social e cultural em que os povos se desenvolvem actualmente na Europa foi o tema da reunião de trabalho que na última semana congregou em Bruxelas algumas das mulheres que exercem funções governativas em países europeus, e sobre cujas conclusões falou ontem aos órgãos da Informação a eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo que nela participou na qualidade de ministra dos Assuntos Sociais. «As nossas conclusões visaram sobretudo o problema social da qualidade de vida. Apesar da composição muito variada da reunião, em termos de regime político como em termos de pastas que cada uma de nós ocupa, foi evidente que o problema mais importante a que temos de fazer face em todos os governos é um problema de qualidade de vida, de mudança de civilização. Os jornais andam cheios de notícias de crise, fala-se de crise económica, mas não está só em jogo o problema económico, está sobretudo em jogo um problema de modelos de vida» — disse Maria de Lurdes Pintasilgo.

Na reunião de Bruxelas, além da ministra portuguesa, tomaram parte a ministra de Cultura da Bélgica, a ministra da Saúde e do Ambiente da Holanda, a ministra da Justiça e simultaneamente da Cultura da Dinamarca, a ministra da Cultura e da Investigação Científica da Finlândia, a ministra da Justiça e a ministra da Cultura da Bulgária, a ministra da Saúde da Hungria, a ministra da Política Social, que envolve a Habitação, a Saúde, o Ambiente e a Animação Sócio-Cultural de Base da Jugoslávia, e a secretária de Estado do Trabalho e da Previdência da Itália.

«Verificamos que essencialmente um ponto assente entre todas que o aspecto que conta, por assim dizer, transversalmente, através de todos os regimes políticos é o do impacto da tecnologia e a quase incapacidade em que o homem se vê hoje de criar uma cultura e de encontrar um estilo de vida em que ele domine a tecnologia — prosseguiu Maria de Lurdes Pintasilgo. «Daí que a nossa principal conclusão tenha sido sobretudo chamar a atenção para o facto de que os problemas sociais, culturais e ambientais se situam hoje, não no quadro de uma política sectorial e compartimentada mas de uma política global. Enquanto os governos não fizerem essa política global, estaremos sempre a pôr remendos e sem, na verdade, atacar o fundo da questão.

Legalização do aborto: sensibilidade a um problema real

Em França a Assembleia Nacional legalizou agora o aborto durante as primeiras dez semanas de gravidez. Uma das pessoas que mais lutou por essa decisão da Assembleia foi Simone Weil, uma mulher que faz parte do Governo Francês. Um jornalista presente quis saber se a ministra dos Assuntos Sociais considerava este facto como uma vitória da política seguida pelas mulheres que ocupam pastas ministeriais nos Governos da Europa.

«Considero uma vitória em termos de sensibilidade a um problema real. Acho que houve um grande debate em toda a Europa, e em França, com tomadas de posição muito variadas relativamente à legalização do aborto. O problema que Simone Weil põe é um problema real. É o conhecimento de que um número enorme de mulheres realizam o aborto numa imensa solidão, visto que é um acto que ao fim e ao cabo lhes cabe decidir sozinhas, e em condições que do ponto de vista médico são verdadeiramente catastróficas para o seu futuro.»

Se me pergunta é uma vitória das mulheres, direi, é até certo ponto, na medida em que foi seguramente a persistência e a calma, a capacidade de resposta de Simone Weil aos parlamentares que conseguiu finalmente que a lei passasse. E, nesse sentido, ela tem, neste momento, um lugar singular

entre as mulheres governantes da Europa.

Um projecto de sociedade nova

A questão levantada por outro jornalista foi no sentido de concretizar, se possível, que vias vai seguir a actuação que as participantes na reunião de Bruxelas entenderam necessária e adequada aos respectivos países.

«O seguimento que nos vários países será dado às conclusões a que chegámos será, por assim dizer, informal; não foram decisões categóricas que comprometessem os nossos Governos; e será um trabalho em colaboração, com os nossos colegas masculinos, o que no caso português é extremamente possível, dado que as preocupações são comumente sentidas. No caso português, no meu caso, sinto-me privilegiada no sentido de que fazendo parte de um governo que é provisório, nascido após uma revolução, naturalmente está á procura de um novo projecto de sociedade», afirmou a ministra dos Assuntos Sociais. E, continuando:

«Se nós formos capazes de organizarmos de novo o tempo de trabalho, a vida de família, para que não continue a ser um egoísmo a dois, três ou quatro, mas que seja uma abertura mais ampla, em termos também de preocupação com todas as formas de tempo livre e de convivência entre as pessoas, eu creio que nós conseguimos adquirir uma nova maneira de viver, mais verdadeira connosco próprios, mas que, ao mesmo tempo, também possa ser um contributo dentro da cena europeia.»

O papel da mulher no nova sociedade

Uma última pergunta focou o papel que caberia à mulher nessa sociedade que se desejaria mais aberta, mais humanizada, em que também os conhecimentos científicos e, por sua vez, as suas aplicações técnicas, revertessem em benefício de toda a população, nessa sociedade em que de uma pequena vida familiar se passasse a uma vida mais colectiva. Que papel para a mulher, que papel neste caso, para a mulher portuguesa, na transformação da vida?

A eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo citou, a propósito, um folheto que circuiou entre os participantes na reunião de Bruxelas, relativo a um filme sobre os movimentos de libertação em Amã: «Não há libertação de uma sociedade sem libertação da mulher, não há libertação da mulher sem libertação da sociedade.» E acrescentou:

«Quando me perguntam qual será o papel da mulher, eu penso que o papel não é tanto o de ir descobrir sectores específicos em que a mulher pode intervir, mas que a mulher possa descobrir o seu próprio modo de opressão. Uma sensibilização da mulher à sua situação de

consumidora, por excelência, penso que seria um passo muito grande no sentido de marcar aquilo que afinal contribui para o progresso de todos os homens e aquilo que não é senão uma fuga à própria angústia que a pessoa sente.»

No caso das mulheres portuguesas?

«No caso das mulheres portuguesas temos ainda muito a fazer em vários aspectos; estamos numa situação socio-económica diferente da dos outros países, que se reflecte também na situação das mulheres. Eu creio que cabe às mulheres portuguesas um papel muito importante na determinação desta nova sociedade. Temos uma possibilidade de dizer como inventar a nova sociedade, de contribuir para esse projecto de sociedade nova no nosso país.»